

RECENSÃO:

MONDA, Andrea. *L'anello e la croce. Significato teologico de Il Signore degli Anelli*. Soveria Mannelli: Rubbettino, 2008. 252 p.

Pe. Cássio Selaimen Dalpiaz

Licenciado em Letras pela Pontifícia Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Bacharel em Teologia pelo Centro de Estudos Filosófico-Teológicos *Redemptoris Mater* de Brasília.
E-mail: csdalpiaz@rmater.org.br

A Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia* expressa, entre tantos desafios e questões, a necessidade da família tornar-se casa de formação na fé, sendo os pais os primeiros catequistas dos filhos. O Papa Francisco define esse labor catequético como uma obra “artesanal”, isto é, de maneira muito singular e pessoal (cf. AL 16). O autor John Ronald Rouel Tolkien, professor de filologia de Oxford, sendo de família católica e por isso perseguida numa Inglaterra Anglicana, investiu pelo viés da Literatura Fantástica como um meio para catequisar os filhos, donde nascem as suas “Cartas do Papai Noel” (pelas quais o “bom velhinho” “respondia” às missivas que o Tolkien pai incentivava previamente os filhos a escrever), assim como o personagem “hobbit”, a raça mais importante de todo o imaginário da *Terra Média* que a obra “O Senhor dos Anéis” nos dá a conhecer. Mas qual é a importância do labor criativo e evangelizador deste “artesão da fé”, e o que dele pode-se aprender?

A obra ainda não traduzida do italiano para o português, publicada pela *Rubbettino Editore* no ano de 2008, “*L'anello e la Croce. Significato teologico de Il Signore degli Anelli*” propõe, como bem expressa seu título, uma leitura acerca do significado teológico (religioso e católico) na história e no simbolismo da obra “O Senhor dos Anéis” e de todo o legendário de J. R. R. Tolkien. Destarte, esta é a publicação da tese de mestrado em Ciências da Religião de Andrea Monda, apresentada na Pontifícia Universidade Gregoriana no ano de 2005, fruto de sua experiência docente de ensino religioso católico em uma escola secundária de Roma.

Para tanto, o professor Andrea divide seu trabalho em três grandes sessões.

Na primeira, subdividida em duas partes, nos é dado a conhecer Tolkien. Partindo de sua trajetória de vida e, por conseguinte, sua vivência de fé e processo de formação acadêmica, somos então conduzidos à obra "O Senhor dos Anéis" e ao legendário tolkeano, no qual o catedrático de Oxford expressa, através do *fantástico*, a concretude da realidade experimentada.

Na segunda grande sessão vemos a simbologia teológica do romance, os diversos liames entre o literário e a doutrina cristã e católica. A chave hermenêutica proposta para isto são as cartas do próprio Tolkien à sua família e a seus amigos, que o tornam um "crítico de si mesmo", numa das quais ele afirma tratar-se de "uma obra fundamentalmente religiosa e católica" (Carta de 2 de dezembro de 1953).

A terceira parte nos dá a conhecer as conclusões e consequências pedagógicas da leitura de "O Senhor dos Anéis" no ensino de Religião Católica na escola.

Podemos assim conhecer, por um lado, o filólogo que constrói uma épica como fundamento às línguas por ele elaboradas, fruto dos anos de estudos acadêmicos em línguas antigas saxãs. Isto é, temos uma criação linguística provinda de uma construção lógica morfossintática bem elaborada, que num contexto literário fundamentalmente "fantástico", está sustentada sobre uma realidade tempo-espacial que a legitimam semanticamente.

Desta maneira, a tese analisada versa sobre o diferencial da obra que constitui seu *corpus* e seu autor, argumentando sobre a concepção da palavra "Fantasia" e seus objetivos. Se por um lado pode-se pensar nela como algo inexistente e pueril, caminho unicamente de evasão da realidade presente a cada indivíduo, por outro vemos que o pai dos "Senhor dos Anéis" a concebia como uma capacidade de visão profunda da realidade.

São Justino chama de *Semina Verbi* estes elementos aí contidos de maneira mais ou menos manifestos que conduzem o homem ao encontro

com a Boa Nova do Evangelho: a Ressurreição que venceu a morte. Isso se faz possível quando a história contada usando da fantasia e da imaginação como elementos de “recriação” e “iluminação” da realidade e não de simples evasão, contém e conduz à alegria por reenviar a uma Verdade maior. Na realidade, o homem traz em si o impulso natural pela busca do conhecimento da Verdade, que o dispõe ao encontro com a Transcendência.

Entretantes, precisamos ter em conta que nas diferentes culturas e tradições sempre existiu o elemento fantástico como elemento pedagógico, enquanto meio para transmitir um ensinamento. Ora, o fictício não invalida a realidade que simboliza, pelo contrário, pode ajudar, e muito, as pessoas a trabalharem com elementos que, no seu cotidiano, por serem por vezes tão “comuns”, não conseguem sequer ver. Por isso Monda apresenta a obra de literatura fantástica do escritor inglês como *locus* fecundo para ensino de religião na escola pelo “ocultamento” proposital do elemento religioso e católico. Passar daquilo que ele argumenta de uma “teologia científica” a uma “teologia poética”, utilizando o argumento de Rubem Alves.

Assim, a experiência educativo-catequética proposta está fundada sobre o agir evangelizador próprio de Jesus quando utilizava suas parábolas para abrir caminho àqueles que o escutavam, fosse seu discípulo ou não. Não de maneira moralizante ou legalista, mas usando do recurso linguístico-literário da parábola para fazer compreender seus caminhos e sua Boa Nova. Caminho apontado em outros tempos, porém pertinente e necessário para o momento frente aos desafios de uma Nova Evangelização.

Bem, vemos como a fantasia aqui é apresentada não como oposta à razão, ou ainda como uma fuga da realidade frente as suas vicissitudes. Em oposição a certo tipo de catequese realista e dogmática e pouco eficaz no que tange à evangelização das gerações imersas nos recursos multimidiáticos, que exclui da nossa fé todo e qualquer elemento que trabalhe com o nosso imaginário, se faz mister caminhar por uma via alternativa.

Ora, nunca estivemos tão expostos à imagem e proporcionalmente distanciados da imaginação. Na concepção Positivista do real, a fantasia foi colocada como elemento exclusivo do mundo infantil e ingênuo, como oposta à razão “pós-moderna” pretensamente “madura”. Contudo, nesta sociedade pós-cristã e secularizada, a tendência à apatia e a uma imaginação empobrecida a tornam carente desse elemento antropológico pré-religioso que é a imaginação.